

Carta sobre experiências de uma cidade com a loucura

A letter about experiences of a city with madness

Samara Pimenta Monecchi; Maria Elizabeth Barros de Barros

Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO:

A presente carta – endereçada a todos aqueles interessados e defensores do movimento da Luta Antimanicomial - é fruto da experiência de pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional/UFES, que buscou conhecer como a cidade de Cariacica-ES acolheu a loucura em seus espaços após a abertura dos portões físicos do antigo Hospital Aduino Botelho. E a pesquisa aposta na cidade como via de possibilidade para outras experiências com a loucura que não as de recusa e indiferença. Esta carta convida a experimentar, junto com as histórias narradas e entendendo experiência a partir de Michel Foucault - que explicita que uma experiência é qualquer coisa da qual se sai transformado, no intuito de possibilitar que outras tantas histórias possam ser suscitadas -, histórias de amizade, experimentação, produção de outros possíveis nos espaços da cidade.

Palavras chave: Cariacica; Loucura; Serviços Residências Terapêuticos.

ABSTRACT:

This letter - addressed to all those interested in and defenders of the Anti-Asylum Struggle movement - is the result of the master's research experience in the Postgraduate Program in Institutional Psychology / UFES, which sought to know how the city of Cariacica-ES welcomed madness in its spaces after the opening of the physical gates of the former Aduino Botelho Hospital. The research bets on the city as a way of possibility for other experiences on madness other than those of refusal and indifference. This letter invites you to experience, along with the stories narrated and understanding experience from Michel Foucault - who claims that an experience is anything from which one comes out transformed, in order to enable so many other stories to be raised - stories of friendship, experimentation, production of possible others in the spaces of the city.

Keywords: Cariacica; Madness; Therapeutic Residences Services.

DOI: 10.12957/mnemosine.2023.85813

Escrevo esta carta para meus pais, irmão, namorada, sogra; professores e professoras que compõem essa banca examinadora de minha defesa de dissertação de mestrado; moradores e moradoras, funcionários e funcionárias que trabalham nas residências terapêuticas do Conjunto Residencial Santana; aos narradores e narradoras que se disponibilizaram gentilmente a conceder entrevistas e escreveram comigo essa

pesquisa; colegas, amigos e amigas do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas (NEPESP) e do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST); amigas e amigos de trajetória da vida; professoras e professores que participaram da minha formação; ex-companheiras e companheiros de trabalho. Enfim, escrevo para todos e todas, e também para mim.

Gostaria de contar para vocês a experiência dessa pesquisa, seus objetivos e o pouquinho que busquei trazer a partir dessa empreitada que dei o nome de **Avizinhando experiências: histórias de uma cidade com a loucura**. Quando falo de “um pouquinho”, penso nos ensinamentos de Alessandro Portelli, que muito me ensinou e me acompanhou nesse processo de pesquisa. Afinal, falar de “um pouquinho” é dizer da imensidão e da permanente transformação de uma realidade, sabendo dos nossos finitos e limitados meios e instrumentos de pesquisa. O que eu desejo contar a vocês, portanto, é o pouquinho do que aprendi e aprendo com uma cidade, a cidade de Cariacica, e sua experiência com a loucura após a abertura dos portões físicos do antigo Hospital Aduino Botelho, contar histórias a partir de muitas outras que permeiam esse processo, e de tantas mais que estão e serão contadas no viver nesta cidade e, espero, após o findar desta defesa.

Esta pesquisa nasce de experiências, das experiências de uma moradora da cidade de Cariacica que se inquietou em conhecer os modos de como a loucura foi acolhida naquele território após a abertura dos portões físicos do antigo Hospital Aduino Botelho, que por tantos anos funcionou como local onde se internavam aqueles/as considerados indesejáveis nos grandes centros urbanos.

As experiências com a loucura habitando os espaços da cidade tiveram início no período da minha adolescência, por volta do ano de 2009, quando comecei a frequentar o Conjunto Residencial Santana. O conjunto, para quem não conhece, fica localizado no bairro Santana, na cidade de Cariacica. O bairro é bem localizado, não sendo difícil o seu acesso, uma vez que praticamente todos os ônibus que saem do terminal rodoviário de Itacibá passam por lá. Santana é um bairro bem movimentado, com intenso comércio, muitas escolas e uma história interessante, afinal, foi neste bairro que se construiu o primeiro e “comemoradíssimo” hospital psiquiátrico público do estado do Espírito Santo: o Hospital Aduino Botelho. Além disso, foi neste mesmo bairro que também, após a abertura dos portões físicos do “Aduino”, se estabeleceram os primeiros Serviços Residências Terapêuticas no ano de 2004, serviços que têm por finalidade servirem de

moradia para aqueles e aquelas que por longos anos ficaram internados em hospitais psiquiátricos e perderam o vínculo familiar. Atualmente - tomando como referência o ano de 2021 -, o estado do Espírito Santo possui dezoito residências terapêuticas, seis delas se encontram em Santana - sendo cinco espalhadas pelo conjunto residencial.

Como não falar um pouquinho para vocês desse lugar tão aconchegante e acolhedor que é o Conjunto Residencial Santana? Talvez eu seja suspeita, mas é um dos meus lugares preferidos de Cariacica. Localizado à esquerda, já na entrada do bairro, o conjunto possui algumas peculiaridades. Na subida da rua de seu acesso é possível avistar a padaria do conjunto, muito movimentada, que conta sempre com guardas municipais e policiais militares que fazem uma pausa para tomar um cafezinho e se demoram entre conversas e risadas. Logo a frente encontramos a pracinha, sempre com seus rádios fincados nos postes e que estão espalhados tocando músicas diversas, as crianças e adolescentes na quadra jogando bola, e, certamente, o inesquecível centro comunitário e suas festinhas, como a tão aguardada festa junina.

Naquela época, ao frequentar o bairro não sabia o que era uma Residência Terapêutica, tampouco que o “Adauto” já estava em seu processo de desospitalização e eventual desinstitucionalização daqueles e daquelas que por anos de suas vidas ficaram internados naquele - sem eufemismos - calabouço manicomial. Me recordo que o hospital aparecia nas brincadeiras e piadas entre os estudantes como lugar que daria “um jeito” naquele amigo indisciplinado, que “paga de doido”, como se o hospital fosse uma espécie de “oficina de consertar humanos”.

Eu não sabia o que era uma Residência Terapêutica, e, acredito, muitos moradores do conjunto também não. Com o tempo frequentando o conjunto, os “doidinhos do conjunto”, “as casinhas do Adauto” ou “as casinhas dos doidinhos”, como assim são chamadas no bairro, vão marcando a memória da cidade.

Marcados, muitas vezes, pelo estigma de medo e periculosidade atribuído à loucura, muitos vizinhos se desviavam da calçada para não responder aos insistentes e intransigentes cumprimentos de “Bom dia” disparados da casa das ditas “escandalosas” que ficavam no portão tentando puxar alguma conversa com aqueles que passavam na rua. Uma ponte invisível era erguida e ligava a outra calçada da rua, a fim de evitar as incansáveis tentativas de cumprimentos. Na pracinha do conjunto, nas pausas para tomar

um sol ou o frescor da sombra no final da tarde, quando abordados por um dos “doidinhos do conjunto”, muitos se levantavam dos bancos e iam embora às pressas.

Esses fragmentos de memória poderiam me levar a crer, e talvez a vocês também, que Cariacica não conta outras histórias a não ser as de recusa e rejeição a chegada e ocupação da loucura em seus espaços. Poderíamos ser levados a pensar que neste bairro, nesta cidade que abrigou o primeiro hospital psiquiátrico público do estado, não haveria outras histórias senão as de medo e recusa a experimentação de modos outros de viver a loucura na cidade. Entretanto, a cidade sempre conta outras histórias, e foi afirmando essa máxima que empreendi esse trabalho, no intuito de dar visibilidade às histórias de possíveis, ou seja, histórias que revelam outras composições, outras vivências com a loucura na cidade de Cariacica.

Devo confessar que o intuito inicial da pesquisa era experimentar e construir essas histórias a partir do próprio convívio cotidiano no conjunto residencial, entretanto, com o momento de pandemia isso não foi possível. Comecei a me perguntar como acessar essas histórias. Foi então que me encontrei com Alessandro Portelli, a partir dos seus escritos sobre a História Oral. Segundo ele, as fontes orais têm fundamental importância na construção de uma pesquisa, pois podem trazer à cena aquilo que as pessoas experienciaram em processos sócio-históricos. Essas experiências emergem, portanto, repletas de uma multiplicidade de sentidos. Logo, através delas, das narrativas daqueles que experienciaram e experienciam esse processo podemos conhecer “um pouquinho” dos modos como Cariacica acolheu a loucura em seus espaços fora do Hospital Adauto Botelho.

Trabalhar com História Oral é entender que o próprio pesquisador faz parte da história, e que construímos juntos com os narradores a história que contamos. Em História Oral a história se constrói enquanto contamos, afinal, é hoje que recordamos.

Realizei entrevistas com pessoas que experienciaram, e ainda experienciam, esse processo de retorno dos ex-internos do Adauto a outros espaços da cidade de Cariacica, no intuito de conhecer essas histórias de experiências outras. Ao Renato Vieira, ex-diretor do antigo Hospital Adauto Botelho; ao morador do Conjunto Residencial Santana; ao Eduardo Torres, ex-coordenador do CAPS Moxuara; e à Tassyla Favarato, psicóloga e ex-funcionária do INVISA - empresa que, atualmente, faz a gestão dos Serviços

Residenciais Terapêuticos no estado - a quem também dirijo essa carta, muito obrigado pela gentileza. Com eles, e também com tantos outros que falaram através deles, construímos um único texto que tornou possível a materialização das páginas dessa pesquisa.

Em conjunto com a História Oral ousei apostar na criação de um dispositivo experimental, o qual denominei de avizinhamo de experiências. Avizinhar é se achemar, abeerrar, aproximar, mas ele não pode cair apenas num entendimento de aproximação. Quando pensei no avizinhar apostei numa aproximação das histórias, de experiências que pudessem também ser experimentadas a partir da leitura das tintas desse trabalho, avizinhar dessas histórias e nesse movimento abrir caminhos para suscitar experiências que transformem, que produzam novas relações com a loucura na cidade. A aposta num movimento de avizinhamo, ou seja, de se aproximar dessas experiências transcritas neste trabalho, convocando com elas experimentar e produzir outras tantas, é acreditar na potência transformadora de uma experiência.

O convite ousado que faço a vocês é de se avizinhareis às histórias que conto e escrevo, e, junto delas, experimentar, tomando aqui o conceito de experiência a partir de Michel Foucault. Ele me ensinou que experiência é qualquer coisa pela qual se sai transformado; experiência é qualquer coisa que nos possibilita estabelecer novas relações com algo, e aqui, em especial, com a loucura habitando os espaços da cidade.

Me lancei então a avizinhar dessa Cariacica, aprender e experimentar com suas histórias. Confesso que nesse movimento, apesar dos anos como moradora desta cidade, aprendi a olhá-la de uma outra forma, aprendi que essa Cariacica, que carrega uma diversidade de significados em seu nome - Acari-assyca, que significa “pedaço de Acari”, um peixe de água doce comum aqui na cidade; Cari-jaci-caá, que traduzido significa “chegada do homem branco”, entre tantos outros - é terra de muitos movimentos de resistência. Entre eles, o movimento dos coletivos de juventude negra, que utilizam da arte, do funk e do rap para lutar por seus direitos, ocupando os espaços dessa cidade contando outras histórias que não as de guerra, tráfico e violência. Há também os movimentos de resistência de moradores, que insistem por um asfaltamento da rua que residem, entre tantos outros.

A cidade é repleta de belezas, como, entre outras, o Monte Mochuara, a Reserva Biológica de Duas Bocas, além das festividades culturais, como a festa do Congo, que traz em suas máscaras, roupas e cantigas, histórias de muita luta, força e resistência do povo negro que nesta terra viveram e vivem. O povo negro utilizou da arte, das roupas festivas, como alternativa para poder aproveitar as festividades sem que fosse notado, na época, pelos senhores de terra que aqui dominavam.

Apesar de uma história marcada por uma administração política coronelista, patrimonialista e clientelista que ditou o modo como se deu o desenvolvimento da cidade, Cariacica se destaca por sua generosidade. Explico melhor para que não escorreguemos em uma visão romantizada da cidade. Durante muitos anos, e podemos considerar até os dias atuais, Cariacica foi o lugar escolhido para abrigar os infames, os desvalidos, os loucos. Enfim, os rejeitados da sociedade, dos grandes centros urbanos capixabas que vinham se “desenvolvendo” a partir de um modelo capitalista de desenvolvimento, que não suporta o que escapa das diversas estratégias de metrificação de modos de vida e subjetividade. Não é à toa que Cariacica, por um tempo, ficou conhecida como lugar dos rejeitados. Talvez alguns de vocês já tenham escutado esse ditado em algum lugar.

Nesse cenário de uma sociedade capitalista, que busca metrificar, ordenar, disciplinar e padronizar a vida, aquelas existências que desviam desse roteiro biopolítico são consideradas indesejadas, empecilhos, “lixos” que deveriam ser retirados das cidades para não atrapalharem “o chamado desenvolvimento” e a ordem. Afinal, “soltos” pelas ruas das cidades incomodam com seus vícios, sua cor, sua orientação sexual, suas roupas em desalinho, seu andar errante...

Os loucos foram esses personagens indesejados dos grandes centros urbanos capixabas, que ansiavam por retirar a loucura do cenário urbano e enviá-la para algum lugar bem distante, distante daqueles que acreditam que tudo que não se adequa aos padrões vigentes precisa ser escondido. A cidade escolhida para isso? Cariacica. Foi em uma antiga fazenda no bairro Santana, que em 1954 foi construído o Hospital Aduino Botelho, um hospital que surge a partir de discursos que professam a necessidade de dar conta de abrigar, ou melhor, confinar, aqueles considerados empecilhos à ordem, progresso e produtividade. Para o Aduino eram enviados alcoolistas, homossexuais, sífilíticos na fase terciária, mulheres indesejadas no casamento e na partilha de bens, entre tantos outros, que nos mostram as múltiplas faces da loucura no contexto capixaba.

Primeiro hospital psiquiátrico público do Estado, Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, penitenciárias, Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo...A cidade de Cariacica é a cidade que acolhe os infames, os rejeitados do estado. Se recordam que alertei vocês para que não escorreguemos numa visão romantizada desse acolhimento? Ora, decerto Cariacica não acolheu esses rejeitados de forma “pacífica”, esse acolhimento foi produzindo uma série de movimentos na cidade, afinal, Cariacica, dominada por discursos de ordem, tem histórias de lutas, de resistências importantes.

Histórias de resistência que contam sobre movimentos de lutas de profissionais de saúde, familiares, amigos dos internos, militantes do movimento antimanicomial, entre tantos outros, que contribuíram e participaram ativamente desse processo de abertura dos portões físicos do antigo Hospital Aداuto Botelho. A criação do primeiro CAPS do estado - CAPS Moxuara, que nasceu onde talvez menos esperávamos, dentro da enfermaria do Aداuto -, a transformação do antigo Aداuto em 2010 para Hospital Estadual de Atenção Clínica - trabalhando não mais por uma ótica de internação prolongada -, entre tantos outros movimentos ínfimos e cotidianos que possibilitaram o retorno da loucura para outros espaços da cidade.

Com a abertura dos portões físicos do manicômio, a batalha agora é contra os manicômios mentais, que se presentificam através de formas de exclusão requintadas, que parecem não permitir ultrapassar as barreiras identitárias e da individualidade do cidadão moderno. Manicômios mentais que emergem por meio das pontes invisíveis que levam os cidadãos a uma outra calçada para evitar o cumprimento insistente da “casa das escandalosas”, ao levantar dos banquinhos da pracinha para evitar as tentativas de conversa, entre tantos outros gestos que expressam esses manicômios mentais com radicalidade.

A cidade de Cariacica se inquietou com a chegada dos loucos em seus espaços de convivência diária, não mais trancafiados nos calabouços. O medo, preconceito, o estigma de periculosidade instituído e atribuído à loucura provoca movimentos de inquietação nesse conjunto residencial aparentemente ordenado, sem desvios de roteiro. Preocupações com desvalorizações imobiliárias, com as crianças nas ruas, recusas em alugar casas, entre outras questões que compunham este cenário, fizeram emergir um abaixo-assinado como tentativa de recusa à chegada dos “novos vizinhos”. O Aداuto, por

muitos anos, proporcionava um certo distanciamento dessas existências indesejadas, não havia, em certa medida, a possibilidade de avizinhamo. Agora a loucura mora ao lado, se avizinha, num duplo movimento, afinal, quando ela se aproxima, se achega, também ficamos próximos, nos achegamos, somos achegados.

A experiência é qualquer coisa pela qual se sai transformado, lembram? A loucura na cidade, essas residências, passam a ser intervenção no cenário de Cariacica. Elas vão produzindo um reposicionamento subjetivo, outras histórias vão sendo contadas, que não apenas de exclusão e recusa à experimentação. A loucura, antes considerada como perigo, vai sendo acolhida de uma outra forma.

As histórias de recusa e rejeição vão abrindo espaço para histórias de possíveis, histórias de produções de amizade que são tecidas a partir do frequentar cotidiano na barbearia do bairro, onde os moradores das residências terapêuticas passaram a contribuir com o açúcar e o pó de café para que, quando passarem na barbearia, possam tomar o cafezinho que o estabelecimento oferece. Quanta potência pode haver num cafezinho? Na padaria do bairro, os vendedores guardaram na memória a preferência de cada um quanto ao modo de tomar o café e, dessa forma, aguardam os moradores das residências terapêuticas com o açúcar separado para aqueles que gostam do café mais adocicado.

As crianças, as quais tinham medo do contato com os moradores das residências, passaram a frequentar as casas, levando seus materiais escolares e participando das atividades terapêuticas junto com aos moradores. O medo, a recusa, os desvios de calçada abrem espaço para histórias de amizade que foram possíveis a partir da pausa no portão da “casa das escandalosas” para conversar sobre algo, ainda que com certo receio. Amizade que agora, nas idas ao supermercado, se recorda do biscoito preferido da amiga da casa ao lado e compra para presentear-la.

Essas experiências que conto a vocês nos mostram que a cidade de Cariacica vai produzindo outros modos de relação com a loucura, os manicômios mentais vão sendo dissolvidos pela própria intervenção da loucura na cidade. Decerto, essas histórias de possíveis não dizem de um processo de desinstitucionalização findado, mas conto essas experiências para convidar vocês a construirmos e afirmarmos esse processo que é cotidiano, contar mais histórias e ouvir aquelas de moradores mais antigos, experimentar com a loucura “solta” na cidade outros modos de se produzir como sujeito e de produzir

a cidade. Afinal, subjetividade produz cidade e cidade produz subjetividade, num movimento inseparável.

Cariacica, nas suas histórias de resistência, se revela como terra de todo mundo, de qualquer um, de qualquer coisa e não como muitos de vocês devem ter ouvido, como terra de ninguém. Ao afirmar isso não estou dizendo que Cariacica não seja mais tomada por discursos preconceituosos, discriminatórios que compõem o cenário de uma sociedade capitalista que detesta e conjura a multiplicidade existencial, que quer metrificar e padronizar a vida. Mas sim, que essa cidade resiste, insiste, luta contra esses movimentos de padronização e imobilização da vida.

Bom, dito isso, o que tentei mostrar em meu trabalho é que é no próprio viver cotidiano, na ocupação dos espaços da cidade, que outros modos de compor Cariacica com a loucura emergem. Um outro cenário se torna possível, um movimento que, decerto não é fácil, mas vai se construindo, mesmo que de forma ínfima, todos os dias, pois, como já disse para vocês e não custa lembrar, é no cotidiano que os muros dos manicômios mentais podem ser quebrados. Um pouco de possível para não sufocar, todos os dias, cotidianamente.

Espero que vocês possam pegar alguns fios dessa história, que não tem uma moral final, mas que se abre para outras tantas, e continuarmos na tessitura de muitas narrativas que possam dar visibilidade ao que se vive em Cariacica e suas relações com a loucura.

Busquei criar uma narrativa que não representasse uma realidade pronta desde sempre, mas que foi se construindo no mesmo movimento de narração. A ideia foi tentar fugir de alguns modelos de pesquisa que exploram a ideia de totalidade e de profundidade, como se a partir das narrativas dos sujeitos com os quais pesquisamos fosse possível reconstituir a trajetória e os caminhos dessa cidade e sua relação com a loucura. A tentativa não foi, então, a de buscar na história que está sendo escrita, uma verdade maior, soberana sobre Cariacica, que após um grande esforço da pesquisadora, pudesse ser alcançada e finalmente reportada.

O esforço foi outro: o de subverter esse gênero de investigação, perspectivando uma abertura ao múltiplo, ao híbrido e ao intertextual.

Longe de um retrato totalizante, persegui um olhar superficial, disperso e fragmentário: uma história em estado precário, em eterna construção, poderia dizer. Dessa cidade que está sendo escrita, vislumbramos captar detalhes, traços que mais interessam e mais encantam nessa vida da cidade.

Isso nos leva a pensar em outra importante característica desse modo de pesquisar, que é essa relação afetiva apreendida entre o pesquisador e os participantes, mas também entre o texto que está sendo escrito e os leitores. Trata-se, portanto, de um “gesto amoroso”, sem uma preocupação com a veracidade, composto majoritariamente de uma memória falsa, uma tenuidade de lembrança que nos impulsionaria a querer falar daquele com o qual estava pesquisando.

Assim queridos companheiros e companheiras, repito e insisto, longe de um retrato totalizante dessa cidade, o que busquei oferecer foi um olhar disperso e fragmentário: uma história em estado precário, em eterna construção. Confesso que não sei se consegui... Vislumbrei captar das vidas que estão sendo escritas traços que possam aguçar nosso interesse e nosso encanto nessa vida.

Por fim, agradeço a todos e todas pela companhia e por escreverem comigo este trabalho. Finalizo esta carta com um fragmento dos escritos Paul-Michel Foucault:

Sendo esta a forma geral, recuso-me a responder à questão que às vezes me propõem: "Ora, se o poder está por todo lado, então não há liberdade." Respondo: se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado. (FOUCAULT, 2004: 277)

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade [Entrevista a H. Becker, R. Former-Betancourt, & A. Gomez-Müller em 20 de janeiro de 1984]. In M. Barros da Mota (Ed.), *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.

Samara Pimenta Monecchi
Mestre em Psicologia Institucional pelo Programa de
Pós-graduação em Psicologia Institucional da
Universidade Federal do Espírito Santo.
Email: samara.monecchi@gmail.com

Maria Elizabeth Barros de Barros
Professora titular do Departamento de Psicologia e do
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Espírito Santo. É doutora em
Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro,
com estágio pós-doutoral em Saúde Pública pela Escola
Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz.
Email: betebarros@uol.com.br